8 de dezembro · 19h30

Concerto Monográfico · Ângela Lopes
Sond'Ar-te *Electric Ensemble*

O'culto da Ajuda
art music centre, because sound matters
Miso Music Portugal · www.misomusic.me
Travessa das Zebras 25, 1300-589 Belém, Lisboa

Programa

· "Dual" (2004) · para flauta e piano
· "Campaniana" (2022) · para flauta, clarinete, percussão e violoncelo (encomenda · Sonoscopia)
· "Corais – «o Mar, à noite…»" (2011) Estreia Absoluta · para piano solo (encomenda · Câmara Municipal de Matosinhos)
· "Gárgulas d'Arga" (2013) · para flauta, clarinete, piano, violino, violoncelo, e eletrónica (encomenda · Sond'Ar-te *Electric Ensemble*)
· "Ditty-Ditty" (2019) · para viola e eletrónica (encomenda · Associação Cultural Arte no Tempo)
· "Trama – «mural para Murad»" (2022) Estreia Absoluta · para flauta, clarinete, percussão, piano, violino, viola, violoncelo e eletrónica (encomenda · Sond'Ar-te *Electric Ensemble*)

Ângela Lopes

Sond'Ar-te *Electric Ensemble*
Pedro Neves · maestro

Sílvia Cancela (flauta), Nuno Pinto (clarinete), João Dias (percussão), Elsa Silva (piano), Francisco Cabrita (piano), Vítor Vieira (violino), Jorge Alves (viola), Luís André Ferreira (violoncelo), Miso Studio (desenho de som e eletrónica)

Ângela Lopes (1972, Arada) concluiu a licenciatura e o Curso de Estudos Superiores Especializados em Composição, na ESMAE (Porto), em 2000, na classe do professor Cândido Lima. Estudou ainda com Virgílio Melo, com quem colaborou na realização eletrónica de obras diversas e no grupo MC47 – grupo de música mista da ESMAE; com Filipe Pires e com Álvaro Salazar, partilhando com este último a edição do CD "Dual". Em 2004 concluiu o ano curricular do Doutoramento na Universidade de Aveiro, sob a orientação e coorientação dos compositores João Pedro Oliveira e Mario Mary (na Universidade Paris VIII), respetivamente. Participa habitualmente na realização técnica eletroacústica de obras várias do compositor Cândido Lima. Colabora e/ ou participa com regularidade nos festivais Música Viva (Miso Music Portugal) e DME – Dias de Música Eletroacústica. Salienta-se a sua colaboração na projeção eletroacústica das obras musicais "Madonna of Winter and Spring" de Jonathan Harvey, na Casa da Música no Porto (Música Viva 2007) e "Mixtur" de Karlheinz Stockhausen, no Mosteiro dos Jerónimos em Lisboa (Música Viva 2008); ou a sua participação, em parceria com o compositor Cândido Lima, no projeto "A paisagem sonora em que vivemos", apresentado durante a 55.ª edição do festival DME, em 2017; ou, ainda, a sua participação na 3.ª edição do Simpósio "Cultura e sustentabilidade", no Lisboa Incomum, com a comunicação "Reciclo-Recírculos – em forma de sanza (reutilizar-reciclar)" e a estreia de "Reciclo-Recírculos" (2019), obra selecionada para o festival ISCM – World New Music Days 2021 na China (Xangai e Nanning) no âmbito da candidatura oficial para o WMND 2021 da Miso Music Portugal/ MIC.PT.
Ângela Lopes compõe para formações diversas, música mista, música eletroacústica e de multimédia, sendo a sua música interpretada em concertos em Portugal e no estrangeiro, em países como Brasil, Coreia do Sul, Espanha, China ou Países Baixos, por intérpretes de renome na música contemporânea. Compõe também música para teatro. Tem diversas obras publicadas em partitura, CDs e/ ou DVDs, o último dos quais "Ver os sons, ouvir imagens" pelo Duo Contracello (edição MPMP/ Musicamera). As suas partituras são também editadas pelo Centro de Investigação e Informação da Música Portuguesa – MIC.PT. É membro da Fondazione Adkins Chiti (Itália), da APC – Associação Portuguesa de Compositores e da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA).
Mais recentemente, Ângela Lopes tem vindo a compor por encomenda da Associação Arte no Tempo, a obra "Mahâr_two minutes", para flauta e eletrónica, estreada no contexto do concerto NMpNM – Nova Música para Novos Músicos integrado na programação da bienal de música eletroacústica Aveiro_Síntese 2022; da Câmara Municipal do Porto (*Ágora*) e da Associação Cultural Sonoscopia no programa de promoção cultural e artística *Cultura em Expansão 2022*, a obra "Campaniana", para ensemble instrumental, estreada no projeto "Obras Portuenses da década de 20"; e ainda do Sond'Ar-te *Electric Ensemble*, a obra "Trama – «Mural para Murad»".
Ângela Lopes é professora de Análise, Composição, Acústica Musical, Organologia e Oficina de Música. Criou, em 2010 e 2014, respetivamente, as disciplinas de Tecnologias e Composição Musical e de Oficina de Música, ambas aprovadas pelo Ministério da Educação. Integrou, durante doze anos, a direção pedagógica da Academia de Música de Santa Maria da Feira, entre 2000 e 2012. Atualmente, é presidente da direção desta Academia e, simultaneamente, integra o órgão colegial da direção pedagógica.

· **"Dual"** (2004) – do latim *dualis*, que se refere a dois –, é uma obra breve para piano e flauta em que a compositora faz centrar toda a sua atenção à volta da noção de sonoridade. Estádios tímbricos, durações mais ou menos breves, intensidades instantâneas ou continuas, ou impulsos de escalas desfocadas construídas à maneira de 'crivos' geram ambiências, que ganham côr quando combinadas com elementos de tipo melódico, harmónico e ritmico. A flauta, num som imóvel de alguns segundos, interrompe duas secções distintas e complementares. Um mundo sonoro e ritmico de não repetição e de diagonalidade, na primeira secção, de repetição e de estabilidade, na segunda, moldam uma obra cuidadosamente estruturada, em que se destaca uma atmosfera de liberdade, como 'quasi una fantasia'. (27 de janeiro de 2008)

· **"Campaniana"** (2022) nasce, partindo sobre o território de expansão, Campanhã, e de uma 'Villa' imaginária de há cerca de mil anos, a 'Villa Campaniana', e de um seu Mosteiro, o 'Mosteiro de Santa Maria de Campanhã', assim nomeado na 'Carta de doação', documento histórico do ano de 1058, e de um sino aparentemente doado nessa mesma carta, um sino metálico agregador de uma população. Este sino, símbolo da identidade de um povo, de um 'bairro', 'sub sino', expressão contida no texto referente à história local, é o centro desta obra que tem, como título, o topónimo da antiga população de Campanhã, termo de origem latino, "Campaniana".
É um mundo sonoro tranquilo, de grandes planuras e ressonâncias (ressonâncias de um sino) que remete para algumas harmonias medievais,

tempos do sino, como os intervalos de 5as e 8vas perfeitas, mas com uma sonoridade contemporânea que projeta um lugar no futuro. Busca-se a magia, o lirismo, o onírico de uma paisagem sonora ideal, onde os únicos instrumentos de percussão utilizados são os de metal (lâminas e outros), numa aproximação à ideia sonora central.
A obra inclui texto no final que, para além de 'recitado' pelos músicos, pode ser dito por gente da terra ligada ao teatro ou ao conto de histórias. O texto, em latim, é constituído por frases retiradas do documento histórico, "Carta de doação ao Mosteiro de Santa Maria de Campanhã. Ano de 1058". A obra é dedicada às entidades que a promoveram, aos intervenientes nos diálogos com a compositora, aos músicos do Supernova Ensemble, intérpretes da obra em estreia, à população de Campanhã, para quem a obra foi concebida e escrita.
'Sub sino', o mosteiro, a ruralidade, a integração, a região, sons, texturas e uma plasticidade sonora que traduzem estes e outros mundos possíveis. (29 de agosto de 2022)

· **"Corais – «o Mar, à noite…»"** (2011). Esta obra, dedicada ao Exmo. Sr. Dr. Manuel Dias da Fonseca, evoca o mundo poético, lírico e dramatico do litoral norte cantado por António Nobre, num dos momentos nostálgicos e simbólicos da sua poesia. O título alude, também, à propria natureza interna da obra nos seus materiais de base, na sua organização e exposição no seu devir temporal: densidade de corais, nos seus diversos sentidos, ao serviço de vozes imaginárias ou reais da vida maritima. (16 de maio de 2011)

· **"Gárgulas d'Arga"** (2013). Gárgulas (ou desaguadouros), são a parte saliente das calhas de telhados que se destinam a escoar águas pluviais, e que, na Idade Média, eram ornadas com figuras monstruosas, humanas ou animalescas. Originalmente do francês '*gargouille*', palavra representando o gorgolejante som da água. Como o som que guardo na memória (e em gravação) de um pequeno riacho que corre por entre pedras, ervas e arbustos, num vale em forma de garganta, na serra de Arga, norte de Viana do Castelo. Paisagem idílica que tive a oportunidade de conhecer aquando de gravações para a obra "Músicas de Villaiana-coros oceânicos" do compositor Cândido Lima. É daqui que nasce a ideia do título.
De uma atmosfera, de um som, de um perfume, de um Éden terrestre.
Sem programa pré-concebido, a obra assenta na manipulação de intervalos que se opõem, anulam, repelem, fundem, em aglomerações e combinações de sonoridades, em formações harmónicas ora simples e complexas, ora calmas e extremas, em torno de centros de atração e repulsa, de registos e de dinâmicas, em volta de intervalos privilegiados como centros polarizadores. Assim, a ideia extramusical, a água e a atmosfera à sua volta e à volta dos simbolismos das gárgulas, da serra e das suas sinuosas configurações, vão estruturando o fluir o tempo e o fluxo da forma, e assim nascem a harmonia, o timbre e as sonoridades orquestral e eletrónica, o ritmo e o tempo, as densidades e o espaço, ora compacto, ora elástico.
A orquestração eletroacústica provém de quatro fontes: sons de uma pequena cítara (para o ensino da música da Alemanha de Leste), sons de piano e de vibrafone, e ainda sons de água desse lugar paradisíaco da serra d'Arga. Sons em eco(s) como os ecos dos vales d'Arga, grãos sonoros em longos *delays*, num continuum, e em camadas, sons de vozes reverberantes, *flashes*, sinos longínquos, *ostinati* encantatórios. Gesto englobado colorido pelo aparecimento dos sons de piano, vibrafone e pela água de Arga. Contrastes de espessuras, de intensidades e de registos. Gestos ora tumultuosos, ora calmos, ora dramáticos, ora poéticos como as águas da serra, que combinam e articulam com os quatro instrumentos acústicos de "Gárgulas d'Arga". (26 de fevereiro de 2014)

· **"Ditty-Ditty"** (2019) · Em 2017 recebi a encomenda de uma obra para viola e eletrónica da Associação Arte no Tempo, para ser estreada por alunos do ensino vocacional, no âmbito do festival Aveiro_Síntese. Trata-se da obra "Ditty", obra pedagógica, cujo material foi ponto de partida para a composição de "Ditty-Ditty". A escrita é, agora, mais aprofundada e desenvolvida: mini-células temáticas de "Ditty" que se repercutiam através da eletroacústica a cada cinco segundos, por processos de *delay*, são agora alargadas nos seus diferentes parâmetros, como o tempo, as alturas, as dinâmicas, os modos de produção do som ou as técnicas instrumentais, entre outras.
Tal como nos *delays* utilizados na obra mãe, ou na que lhe dá origem, "Ditty" também ecoa agora no título. É, de facto, uma segunda "Ditty", na génese, mas na verdade com resultados bem distintos. Uma das maiores diferenças encontra-se na realização eletroacústica. "Ditty" utilizava apenas sons concretos, da viola de arco e de uma cítara. "Ditty-Ditty" combina sons eletrónicos, criados eletronicamente a partir de geradores de som, com sons concretos da viola de arco, pré-gravados, e com sons de vibrafone. Naturezas bem distintas, aqui compatibilizadas. Concebida em estúdio, a parte eletroacústica combina prédeterminação com flexibilidade da eletrónica ao vivo, já que prevê a sua projeção em diálogo com o instrumentista em palco. As suas quatro secções (*takes*) serão projetadas de acordo com o tempo e com a dinâmica do intérprete. A própria partitura escrita para a viola de arco, ao contrário do que se passa com "Ditty", tem diversas passagens "abertas" quer no tempo metronómico, quer nas repetições, quer nas durações rítmicas (ao jeito de *rubatos*), quer ainda na não determinação das figuras de tempo. Não sendo, de todo, uma obra indeterminista, ou obra aberta, possui a flexibilidade suficiente para que o intérprete não só possa dialogar com a eletrónica, e vice-versa, como possa ter diferentes opções e interpretações da mesma. Se "Ditty" é um contraponto do tipo *organum* paralelo e coincidente para duas violas uma, ao vivo outra, pré-gravada, já "Ditty-Ditty" cria uma envolvência em timbres quase sempre distintos da viola de arco e da eletrónica, criando mundos que diferem e que se aproximam nas alturas, nas direcionalidades, nos registos, no movimento ou na ausência do mesmo, no ritmo ou na ausência do mesmo.
"Ditty-Ditty", obra dedicada a Diana Ferreira, navega entre mundos tumultuosos e inconstantes, na tranquilidade e na imobilidade do som, entre mundo temperado e não temperado, entre o timbre e a melodia, entre o contraponto e o harmonia, entre fonte instrumental e eletrónica. (abril de 2020)

· **"Trama – «mural para Murad»"** (2022). A obra é dedicada ao Sond'Ar-Te *Electric Ensemble*, a Nádia Murad, Nobel da Paz, ativista de direitos humanos e primeira *Embaixadora da Boa Vontade* para a dignidade dos sobreviventes de tráfico humano das *Nações Unidas* e a todas as 'Murad' que lutam pela dignidade humana, pela dignidade das mulheres e pela proteção dos direitos das mulheres, particularmente vulneráveis aos fundamentalismos e às discriminações étnicas, políticas e religiosas em todo o mundo.
"Trama – «mural para Murad»" teve como ponto de partida, ou ideia primeira, a questão do género, aliás como em "E(H)LLE(M) – sete momentos em forma de trança" só que, desta vez, não é num tributo às mulheres-símbolo da emancipação feminina e das lutas pela igualdade de género num mundo maioritariamente político e socialmente democrático e livre, mas num tributo às mulheres sobreviventes que, como Nádia Murad, lutam pelos direitos básicos da condição humana (e, em particular, da condição das mulheres) proclamados na *Declaração Universal dos Direitos Humanos* das *Nações Unidas*, adotada em 1948: "Considerando que os povos das Nações Unidas reafirmaram, na Carta, a sua fé nos direitos fundamentais do ser humano, na dignidade e no valor da pessoa humana e na igualdade de direitos do homem e da mulher (…)", um dos preâmbulos que abrem a Declaração de 1948, e referindo-se à *Carta das Nações Unidas*, assinada em São Francisco em 26 de junho de 1945, após a II guerra mundial.
Particularmente vulneráveis sobretudo em situações de conflitos armados e vítimas de regimes e organizações fundamentalistas, e não só, as mulheres e meninas em todo o mundo são violentadas, coagidas, escravizadas, espólios de guerra, vítimas de tráfico humano, vítimas da violência de género, vítimas de uma sociedade preconceituosa, de culturas enraizadas que impedem a instrução das mulheres impreparadas e incapazes de prosseguirem na sua condição humana. Particularmente nos conflitos armados no *Médio Oriente*, um mundo islamizado, onde imperam organizações como os *Taliban*, *Isis*, *Ansar Allah* e outras (Síria, Afeganistão, Iraque, etc), ou numa África subsariana com conflitos de ordem étnica, territorial e religiosa (Nigéria, Rwanda, Sudão etc), 'Murad' é apenas o símbolo da capacidade de resistência, de luta e de sobrevivência das mulheres nestes mundos adversos.
"Trama" passa por diversas culturas numa linguagem contemporânea sem qualquer intenção de decalcar civilizações. Por vezes são, simbolicamente, utilizadas técnicas instrumentais específicas que aludem timbricamente a determinados instrumentos tradicionais como o alaúde, a cítara, o harmónio, os tabla. Ou, é simbolicamente utilizada a voz (canto na flauta) e outras técnicas de composição, como as heterofonias ou o ritmo livre (ritmo vocal livre em certas culturas da África subsariana) ou estados de espíritos próximos da meditação e transe (as passagens repetitivas e circulares).
"Trama" é também sinónimo de textura. Numa relação com a tecelagem no entrelaçamento de fios de trama (transversais) em tear de um qualquer artesão, é disso melhor exemplo a passagem dos compassos 16 a 93, ou dos compassos 133 ao 144. Com diversos espaçamentos entre os fios, metáfora das linhas melódicas que constituem o tecido da obra musical: uma 'trama menor' (significa 'fios" menos espaçados entre si) como, por exemplo, dos c. 133 ao c.144, ou uma 'trama maior' (significa fios mais espaçados entre si) como, por exemplo, dos c. 16 a 93.
Finalmente, as fontes sonoras da parte eletroacústica têm origem em excertos da parte de piano executados por Cândido Lima, gravados na Academia de Música de Santa Maria da Feira, transformados e recriados em estúdio pela compositora. Como fonte poética exterior mistura-se, na orquestra e na eletrónica, a voz humana, no caso a voz da própria compositora que diz, em gravação, palavras alusivas à temática da obra, elementos simbólicos fundamentais da partitura. (22 de novembro de 2022)

Secção Portuguesa da | Portuguese Section of the International Society for Contemporary Music

Secção Portuguesa da | Portuguese Section of the International Confederation of Electroacoustic Music

Membro da | Member of the International Association of Music Information Centres

Membro da | Member of the European Conference of Promoters of New Music

Membro da | Member of the International Computer Music Association

Member of the European Music Council & International Music Council (EMC & IMC)